

PORTUGUÊS, LÍNGUA ACÊNTRICA: REFLEXÕES PELA MÃO DO ENSINO DE PLE NA CHINA

PORTUGUÉS, LENGUA ACÉNTRICA: REFLEXIONES DESDE LA PERSPECTIVA DE LA ENSEÑANZA DEL PORTUGUÉS COMO LENGUA EXTRANJERA EN CHINA

PORTUGUESE, AN ACENTRIC LANGUAGE: REFLECTIONS FROM A TEACHING PORTUGUESE AS A FOREIGN LANGUAGE IN CHINA PERSPECTIVE

Manuel João PIRES¹

RESUMO: Este artigo promove uma reflexão ensaística sobre a língua portuguesa, os seus espaços, cambiantes e (in)definições com base nas perspetivas decorrentes da experiência de ensinar Português Língua Estrangeira (PLE) na China ao longo de uma década. Neste âmbito, criticamos o conceito de língua pluricêntrica no âmbito do ensino de PLE por fazer depender a diversidade ou descentralização da língua portuguesa dos imperativos das normas linguísticas, prolongando uma visão normativa, polarizada e, essencialmente, bicêntrica da língua portuguesa. Neste artigo defendemos o reajustamento do conceito de língua pluricêntrica para língua plurinormativa (porque o seu escopo não está nos espaços ou na diversidade, mas na normatização político-linguística da língua portuguesa) e promovemos o conceito de português enquanto língua acêntrica, feita de múltiplas e interligadas culturas, identidades e referências.

PALAVRAS-CHAVE: Português. Língua acêntrica. Plurinormativa. PLE. China.

RESUMEN: Este artículo promueve una reflexión ensayística sobre la lengua portuguesa, sus espacios y (in)definiciones a partir de perspectivas surgidas de la experiencia de la enseñanza del portugués como lengua extranjera (PLE) en China durante la última década. En este contexto, criticamos el concepto de lengua pluricéntrica en el contexto de la enseñanza de PLE por hacer depender la diversidad o descentralización de la lengua portuguesa de los imperativos de las normas lingüísticas, perpetuando una visión normativa, polarizada y, esencialmente, bicéntrica de la lengua portuguesa. En este artículo defendemos el reajuste del concepto de lengua pluricéntrica a lengua plurinormativa (porque su alcance no está en los espacios o la diversidad, sino en la estandarización político-lingüística de la lengua portuguesa) y promovemos el concepto del portugués como lengua acéntrica, hecha de culturas, identidades y referencias múltiples e interconectadas.

PALABRAS CLAVE: Portugués. Lengua acéntrica. Plurinormativa. Portugués como lengua extranjera. China.

¹ Universidade de Sun Yat-sen (SYSU), Cantão – China. Leitor de Português. Doutorando em português Língua Estrangeira (ULisboa). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1242-5319>. E-mail: duarte@mail.sysu.edu.cn

ABSTRACT: *This article promotes an essayistic reflection on the Portuguese language, its spaces, changes, and (in)definitions based on perspectives arising from the experience of teaching Portuguese as a Foreign Language (PLE) in China over a decade. In this context, we criticize the concept of pluricentric language for making the diversity or decentralization of the Portuguese language depend on the imperatives of linguistic norms, extending a normative, polarized, and, essentially, a bicentric perspective of the Portuguese language. In this article, we defend the readjustment of the concept of pluricentric language to plurinormative language (because its scope is not in spaces or diversity, but the political-linguistic standardization of the Portuguese language) and we promote the concept of Portuguese as an acentric language, made of multiple and interconnected cultures, identities, and references.*

KEYWORDS: *Portuguese. Acentric language. Plurinormative. Portuguese as a foreign language. China.*

Introdução

Neste artigo pretendemos fazer uma análise sobre o conceito de português língua pluricêntrica, atualmente revisitado e em voga no âmbito da Linguística Aplicada e da Didática de Línguas. Para este fim, estudamos os significados deste conceito e descortinamos as limitações ou imprecisões do seu fundamento teórico e da sua abordagem na área do ensino de línguas. Através da análise da literatura sobre este tema e da experiência de ensino de PLE na China, um território onde o ensino de português tem vindo a adquirir relevância e proeminência, elaboramos alternativas a este conceito em termos de nomenclatura, e discorremos sobre a questão pluricêntrica aplicada à língua portuguesa. Trata-se de uma língua com mais de uma norma nacional (duas, concretamente) e por isso binormativa (ou plurinormativa, caso se prefira evitar o prefixo bi- e a conotação excludente e binária que expressa). Entendemos que todas as línguas requerem um carácter normativo para se estabelecerem, estudarem e ensinarem. No entanto, o foco na discussão pluricêntrica reduz a língua à sua dimensão normativa, política e polarizada. A língua portuguesa é feita de liberdade e pluralidade pelo que reduzi-la ao seu aspeto normativo ou a determinados espaços geográficos é despersonalizá-la, diminuí-la e oprimi-la. A personalidade da língua portuguesa deve ser pluri-, mas não cêntrica, para o bem do seu ensino, do seu futuro e da(s) sua(s) identidade(s).

Definições e interpretações pluricêntricas

O conceito de língua pluricêntrica, embora não sendo recente, tem sido recuperado, estudado e discutido no âmbito da Linguística e do Ensino de Português Língua Estrangeira. Segundo Clyne (1992) uma língua pluricêntrica possui várias formas padronizadas ou codificadas em interação, que geralmente correspondem a diferentes países, ao contrário das línguas monocêntricas, que possuem apenas uma versão formalmente padronizada. Ou seja, este conceito implica a existência de vários centros em interação com a sua própria variedade nacional e a existência de normas linguísticas codificadas. Para além desta rede de variedades contíguas com diversos centros, todas as línguas são de certa forma pluricêntricas, na medida em que contêm inevitavelmente variação interna e diferentes normas locais (SILVA, 2013).

Os indivíduos desenvolvem competências em vários códigos linguísticos, por vontade ou por necessidade, para responder às necessidades de comunicar com o outro que não partilha os mesmos códigos. A heterogeneidade da língua faz com que cada norma tenha necessariamente em si a presença do outro. No caso do português, existem inúmeras variações que respiram dentro de cada um dos países onde a língua é oficial (BATOREO; SILVA, 2012; SILVA, 2018).

Por estes motivos, as línguas pluricêntricas são “unificadoras e divisoras dos povos” pois unificam as pessoas através do uso da língua e separam-nas por meio do desenvolvimento de normas e nacionais e variáveis linguísticas (SILVA, 2018, p. 1).

Neste artigo, destacamos a definição adiantada por Batoreo (2014) quando afirma que em relação à língua portuguesa, o pluricentrismo se divide entre dois centros nacionais, o Português e o Brasileiro, assim como os registos locais presentes em países africanos como Angola ou Moçambique:

O pluricentrismo significa que estamos perante duas variedades nacionais da Língua Portuguesa, a norma portuguesa e a norma brasileira (independentemente da variação dialectal existente em cada um destes países) bem como perante as variedades locais faladas em cada um dos outros países (BATOREO, 2014, p. 4).

O pluricentrismo da língua portuguesa tem um carácter essencialmente bipolar, assente em Portugal e no Brasil e, por isso, não está isento de disputas pelo espaço geopolítico da língua. Tal como argumenta Clyne (1992, p. 1), os linguistas baseados nos centros historicamente mais antigos ou política e economicamente mais poderosos tendem a encarar outras variedades como desvios da sua norma, ou em pé de igualdade com os dialetos

regionais. Embora tenham passado três décadas desde que o autor firmou estas palavras, algumas destas visões solidificadas ao longo do tempo ainda se fazem sentir, de forma mais ou menos dissimulada, por entre os académicos que se dedicam ao estudo da língua portuguesa. Seguidamente debruçar-nos-emos sobre a ambiguidade que o conceito de pluricentrismo aplicado ao contexto da língua portuguesa parece denotar.

Língua Portuguesa: do pluricentrismo ao plurinormativismo

A literatura indica que a discussão pluricêntrica se estabelece em torno das variantes e normas linguísticas, pelo que o termo mais adequado poderia ser o de língua plurinormativa. A nosso ver, o adjetivo plurinormativo, relativo ao plurinormativismo, encerra maior acurácia e permite uma melhor base de diálogo, pois não remete para uma aceção cêntrica ou exclusiva. Embora na literatura em português sobre o ensino de línguas não tenhamos encontrado registos do seu uso, verificamos que tem marcado presença entre os estudos teóricos no campo do ensino de língua francesa (BLANCHET, 1998) ou espanhola (HERRERO, 2017; 2019; MASUDA, 2020).

Para Blanchet (1998), o conceito de língua plurinormativa tem um carácter estruturalista muito ligado aos níveis ou registos de língua, ao passo que Herrero (2019) expressa um contributo mais atual e abrangente de plurinormativismo que se posiciona contra a crença na superioridade de uma variedade, considerada exemplar, em relação às outras:

El reconocimiento del plurinormativismo se pronuncia en sentido contrario al lectocentrismo. Se enmarca en el relativismo cultural, que practica el respeto a otras culturas (lenguas) sin dejar de valorar la propia. Ello conduce a la aceptación de la pluralidad cultural (HERRERO, 2019, p. 137).

Na perspectiva de Herrero, o plurinormativismo tem uma dimensão mais clara e inclusiva em relação à aceitação da pluralidade linguística, que não remete para uma visão cêntrica, ou seja, não enfatiza centrismos ao mesmo tempo que anuncia a pluralidade e a diversidade.

A análise da literatura permite verificar que grande parte dos estudos que se dedicam ao pluricentrismo da língua portuguesa se limitam ao circuito exclusivo e binominal Portugal/Brasil com algumas esporádicas referências ao português de Angola, e menos ao de Moçambique ou Cabo-Verde, na maior parte das vezes para destacar as suas semelhanças, parecenças e proximidades ao português de Portugal, e, dessa forma, ainda mais os despersonalizando e marginalizando. Esta afirmação pluricêntrica poderá ser, assim, falaciosa,

ou seja, frondosa ao ouvido pelo seu abrangedor e plural prefixo, mas semanticamente centrada quase em absoluto numa fossilizada perspectiva normativa, bipolar e essencialmente bicêntrica da língua portuguesa, da qual necessita de libertar.

A mensagem quase antitética de pluricentrismo, em que o *centro* surge ligado à delimitação ou definição de uma norma estabelecida e politicamente reconhecida, pode ser por si própria um entrave ao diálogo inclusivo, à diversidade, às multitudes e multiculturas, assim como à verdadeira dimensão internacional da língua portuguesa por capitalizar as mesmas referências socioespaciais (centros) e reduzir a língua ao seu caráter político-linguístico, tornando-a, por isso, conservadora e menos flexível ou plural. O conceito de língua pluricêntrica anuncia a pluralidade, mas acaba por fomentar feudos ou fronteiras, sendo maioritariamente balizado, “manipulado” ou “disputado” entre linguistas e teóricos de Portugal e Brasil, tal como o escritor moçambicano Mia Couto (2008, p. 8) refere:

Acho que é grave haver manipulações... Da parte dos que querem ser mais que os outros, dos que disputam os outros! Eu acho que a disputa é entre Portugal e Brasil, que querem usar esta bandeira como instrumento de busca de privilégio na relação com os outros países de língua portuguesa.”

Estas manipulações e contendas escondem-se sob o conceito de língua pluricêntrica, cuja abordagem dissimula a mesma amiúde (bi)polarização da língua portuguesa enquanto apregoa a pluralidade, como se precisasse de se convencer disso mesmo, de acreditar nas suas próprias redondas palavras à força de tanto as pronunciar, em vez de as sentir ou defender genuinamente.

Por exemplo, alguns estudos sobre esta temática, como o de Duarte (2016) sobre a norma a ensinar no contexto do português como língua pluricêntrica, referem várias vezes que o Português de Moçambique ou o Português de Angola se aproximam do Português Europeu, apresentando-se, assim, este último, de forma bastante natural e incontestada como modelo ou exemplo “cêntrico”, à imagem do que refere Herrero (2019) e, anteriormente, Clyne (1992).

Mas porque será o português angolano ou o moçambicano mais parecido com o português de Portugal? Se consideramos descabido afirmar que angolanos ou moçambicanos são mais parecidos com os portugueses do que com quaisquer outros povos, porque se insiste em dizer que o Português de Angola é mais próximo do Português de Portugal se tem a sua identidade, a suas características, os seus mundos e bundos e se é expressão da sua sociedade e das suas singulares vivências e realidades?

Em termos normativos, o Português de Portugal e o Português do Brasil constituem ainda hoje referências basilares e assumidas das quais temos dificuldade em nos libertar mesmo que, por vezes, pareçamos defender ou tentar convencer do contrário.

Neste artigo, posicionamo-nos contra o pluricentrismo demagógico feito de centros principais (e urbanos) e de centros periféricos e dependentes como se fossem, no âmago, sucursais ou subsidiárias da empresa língua portuguesa. Com base na nossa mundividência decorrente da experiência de ensino de português na China, que seguidamente elucidaremos, defendemos uma *linguavidência* renovada, inclusiva e liberta das âncoras que a prendem aos mesmos espaços e aos mesmos modelos ou concepções.

Uma visão acêntrica da língua portuguesa pela mão do ensino de PLE na China

A China representa atualmente um espaço importante na difusão da língua portuguesa devido à dimensão económica e aos interesses globais de competitividade e empregabilidade que lhe estão associados. Se excluirmos os países com vastas comunidades de emigrantes provenientes de países de língua portuguesa, a China e o Senegal, onde o Português é ensinado como disciplina opcional no sistema de ensino oficial do país a cerca de 44 mil alunos (RAMOS, 2020), são os países onde o ensino de português tem vindo a crescer de forma mais acentuada. Este crescimento do ensino de português na China nos últimos anos tem-se refletido num aumento do número de instituições, professores e alunos. Os dados recentes apontam para cerca de 50 instituições de ensino superior com cursos de português na China que englobam aproximadamente cinco milhares de estudantes (JATOBÁ, 2020; YAN; ALBUQUERQUE, 2019). Neste âmbito, consideramos pertinente desenvolver investigações que se debrucem sobre as especificidades que envolvem o ensino e a aprendizagem de português da China.

A abertura da China ao exterior e o fortalecimento das relações bilaterais com os países de língua portuguesa conduziu a uma proliferação de instituições superiores com programas de português. Esta expansão do ensino na China esteve intimamente ligada à intensificação das relações económicas e comerciais da China com o Brasil e Angola (YE, 2014, p. 53). As razões de natureza económica com vista ao estabelecimento de negócios e elos comerciais com o Brasil e com os países africanos de língua portuguesa, dos quais se destaca Angola, levaram a uma elevada procura e empregabilidade de jovens licenciados em língua portuguesa. A afirmação e internacionalização da língua portuguesa ligada ao seu valor económico encontrou na China um aliado importante para reforçar a sua importância a nível

mundial. Anualmente, centenas de estudantes chineses optam por se juntar à esta enorme família da língua portuguesa.

Consideramos que todos os professores que ensinam português no estrangeiro recordarão alguns motivos não tão evidentes que fazem com que os alunos abracem esta língua. Teríamos inúmeros para referir uma vez que na China já introduzimos a língua portuguesa aos mais diversos públicos, tal como trabalhadores de empresas em vias de ir para o Brasil, Angola ou Moçambique, crianças para se juntarem a familiares em Portugal e no Brasil, ávidos colecionadores de línguas e até detentores de vistos dourados em Portugal. Normalmente, os motivos que levam os jovens chineses a estudar português são as questões instrumentais ligadas às perspectivas de futuro profissional (YE, 2014) ou razões familiares para os jovens de menor idade se poderem juntar aos seus familiares no estrangeiro e assim terem a oportunidade de frequentar sistemas de ensino mais flexíveis e menos sujeitos à competição e sucessão de exames (PIRES, 2019). Contudo, a motivação para estudar português também se faz de várias exceções ou fortuitidades, como as que vivenciámos e passamos a mencionar: uma aluna que se juntou ao português porque tinha como ídolo o piloto brasileiro Rubens Barrichello (Kaká, Arthur Zanetti, Cristiano Ronaldo ou Michel Teló são outras personalidades das quais já registámos a contribuição para trazer alunos para a família do português); três alunas que vieram ao encontro do português para ler Fernando Pessoa no original (não é das motivações mais incomuns devido à influência da literatura neste processo – Clarice Lispector, José Saramago e Jorge Amado são outros nomes registados); um aluno atraído pela figura de Vasco da Gama (faz parte do currículo de História do ensino secundário chinês); uma aluna com uma grande admiração por voleibol e, em particular, pelas seleções olímpicas brasileiras deste desporto. Entre muitas outras, tal como a jovem que depois de acabar a sua graduação em jornalismo numa outra universidade, decidiu tirar um ano sabático e procurar-nos para aprender português. Após um ano de enorme perseverança, a jovem realizou o exame de proficiência e conseguiu obter a certificação que lhe permitiu aceder ao mestrado que agora frequenta em Lisboa. A motivação da aluna para cumprir este objetivo? Agir. A faúlha que a ligou à língua portuguesa foram as músicas de Agir. Ficou tão apaixonada ou grudada nas músicas do artista português Agir, mesmo não entendendo as letras nessa época, que acabaram por lhe dirigir a vida para a língua portuguesa e depois para Portugal. Ou seja, não é apenas o valor económico e profissional da língua, inúmeras vezes o interesse ou a motivação nasce de gostos pessoais, de afinidades e de acasos ou imprevistos que tornam únicos os dias e as vidas de cada pessoa.

Com base nestas peculiaridades do Português Língua Estrangeira, questionamos se representará a vitalidade do português da China, à luz do agitar de pluricêntricas bandeirinhas, um dos (pluri)centros da língua portuguesa? Será o português do Senegal onde o ensino se tem difundido no sistema público de ensino outro centro? E o que dizer dos países ou regiões onde estão presentes as diversas comunidades com gentes da língua portuguesa?

A teoria pluricêntrica aplicada ao ensino da língua sugere ser muito mais cêntrica do que plural, pois não envolve toda a pluralidade ou diversidade que vive dentro da língua portuguesa, e que constituem a sua maior riqueza e um dos seus mais belos traços distintivos. As culturas e as nuances que a edificam e se espalham por todos os recantos do mundo, mesmo os mais recônditos e não-oficiais. Uma língua que expressa e mistura de tudo um pouco, revelando desde os seus meandros o clássico e o tropical, o mar e o deserto e gentes de toda a natureza. Uma língua que germinou outras e deixou prole, desde os crioulos do ocidente africano aos da Índia e do sudeste asiático, do patuá de Macau ao papiamento das antilhas caribenhas. Uma língua que tem até o *amazonês*, uma espécie de sinopse da própria língua portuguesa. A língua portuguesa tem tanta natureza, tantos mundos, vive em tantos lugares que desconhecemos todo seu alcance e plenitude.

Mas a língua portuguesa é hoje muito mais que este tricô de nós e novelas históricos, explorando e vivendo nos mais dispersos espaços e adquirida das mais diversas formas, desde as salas de aula aos aplicativos digitais. A língua portuguesa tem uma vida que no atual mundo globalizado vai muito além das suas tradicionais referências espaciais. Deste modo, à luz do ensino de PLE, a discussão pluricêntrica assume um valor antagônico, adverso, porque a reduz, particulariza e centraliza quando o objetivo deverá ser o de difundir a língua, promovê-la e levá-la a mais gentes e lugares, criando novas referências e conexões. Para estes fins, a divisão ou a fragmentação são enfraquecedoras e contraproducentes, pois o que deve ser ensinado é tão somente a língua portuguesa.

A temática pluricêntrica poderá ter pertinência a nível das variedades nacionais e internas da língua, mas a discussão académica que se tem debruçado sobre a norma que deve ser ensinada em PLE parece-nos acessória para a promoção da sua dimensão internacional e para a convergência e intercompreensão em prol do ensino da língua portuguesa, independentemente da norma adotada.

Para um professor de PLE deverá ser mais importante tomar em consideração o contexto em que se insere e as necessidades dos seus aprendentes de modo a poder lecionar a língua de forma mais profícua, do que tecer inquietações, na maioria das vezes infrutíferas, acerca da norma utilizada. Reveste-se, sobretudo, de importância que os professores veiculem

uma perspectiva atual, internacional e inclusiva que desperte os alunos para a pluralidade e diversidade linguística (incluindo o reconhecimento das línguas locais em alguns países), social e cultural da língua, independentemente da norma linguística que utilizem. Tal como Mia Couto (2008) refere, a propósito dos países de língua portuguesa, é mais importante divulgar o que cada povo está a construir, a sua história comum, bem como os seus patrimónios de identidade comum, do que focar em acordos ou normas que, na maior parte das vezes, apenas reforçam divisões.

Inferências: manifesto por uma língua acêntrica

Neste artigo, posicionamo-nos pela afirmação e vigor da língua portuguesa sem sobreposições de natureza normativa nem os recorrentes centrismos camuflados com sinonímia bem-parecida.

Defendemos a promoção de uma língua portuguesa acêntrica que considera os seus espaços, os seus usos e as suas gentes por igual. Por uma língua portuguesa que não é mais de linguistas do que de iletrados, não é mais de artistas do que de artesãos, de religiosos do que de agnósticos. A sua força, a sua alma reside precisamente no facto de não ter donos nem corifeus, por mais normas, amarras ou correntes teóricas que lhe queiram colocar.

Saudamos a voz cada vez mais expressiva que os países africanos estão a trazer para a discussão científica dos assuntos relacionados com a língua portuguesa, promovendo novas perspectivas e abordagens que incluem o papel e o espaço das outras línguas nacionais (MINGAS, 2007; MADEIRA, 2013; NGUNGA, 2012), libertando-se do papel periférico e secundário a que sempre estiveram votados e *disputados*.

Apelamos ao diálogo e à cooperação entre os países africanos de língua portuguesa para que não se perpetue esta falsa impressão (e despersonalização) de que as variantes africanas são “parecidas” ou com o português de Portugal ou com o português do Brasil, muito por fruto do seu estudo, a sua expressão artística, e a sua voz ser anunciada através destes dois países.

Tal como afirma Mia Couto (2008, p. 1), os países africanos de língua portuguesa “estão no grau zero” de conhecimento cultural mútuo, continuando a verificar-se um “triângulo tipicamente colonial” e a inexistência de trocas no domínio da literatura, arte ou cultura:

Para conhecer o que se passa ou o que se faz em Cabo Verde ou em Angola ou na Guiné-Bissau ou em São Tomé e Príncipe tenho de ir à Europa, passo por Portugal. Esse triângulo tipicamente colonial continua a existir (MIA COUTO, 2018, p. 1)

Fomentamos uma língua portuguesa sem centros nem capitais onde todos à sua singular maneira contribuem para a sua ebulição. Consideramos que a língua portuguesa tem tantos centros quantos os seus falantes e que todas as diferenças devem ser celebradas, sem, no entanto, permitir que nos dividam.

Entendemos que uma das características de uma língua internacional deve ser o seu acentrismo, isto é, a ausência de centros. O contrário de uma língua acêntrica como o português pode se verificar através da língua chinesa ou mandarim.

Na China apesar de haver centenas de línguas (que oficialmente são tidas como dialetos) por entre o vasto território do país mais populoso do mundo, apenas a língua nacional, ou *língua comum*, é ensinada e reconhecida globalmente (FRANCIS, 2016; HU, 2017, KURPASKA, 2017). Além disso, o chinês tem um centro claramente assumido e definido tanto pelos agentes de ensino e de política linguística como pela cultura e pela sociedade chinesa. A standardização da língua comum foi elaborada em torno do chinês utilizado na região Norte, concretamente em Pequim (FRANCIS, 2016). Inclusive, os estudantes que aprendem mandarim para estrangeiros priorizam fazer intercâmbios nas instituições de ensino superior de Pequim ou Tianjin por se convencionar abertamente que o mandarim da região Norte é o mais *correto*, mais erudito, com melhor pronúncia e no qual a norma da língua se fundamenta. Este é um exemplo de uma língua política, social e culturalmente cêntrica com um polo claramente reconhecido e globalmente aceite.

O português como língua de diversidade, de muitos espaços, pessoas e identidades, deve preservar e promover a sua natureza inerentemente acêntrica. Aliás, deve ser uma língua sem a soberba de ter ou de medir centros (o meu centro é melhor que o teu), que mormente têm como consequência estimular a demarcação ou a segregação.

As fronteiras da língua portuguesa são cada vez mais ténues. As fronteiras já não são só o mar, que a língua portuguesa avista ou contempla, mas são sobretudo as pessoas que a usam e recriam por vários e dispersos cantos do mundo. A riqueza e diversidade de uma língua segura das suas múltiplas identidades, e das suas interligadas culturas e referências não se faz através da construção de cêntricos ou pluricêntricos muros, mas de abertura, equidiferença e de ativo diálogo e interação. Por uma língua acêntrica, pela língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

BATOREO, H. J. Que gramática(s) temos para estudar o Português língua pluricêntrica? **Revista Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 1-15, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/4023>. Acesso em: 10 abr. 2021.

BATOREO, H. J.; SILVA, A. S. Estudar o português como língua pluricêntrica no enquadramento da Linguística Cognitiva com foco nas variedades nacionais do PE e PB. In: TEIXEIRA E SILVA *et al.* (org.). **III SIMELP: A formação de novas gerações de falantes de português no mundo**. China, Macau: Universidade de Macau, 2012.

BLANCHET, P. **Introduction à la complexité de l'enseignement du français langue étrangère**. Leuven: Peeters Publishers, 1998.

COUTO, M. Países africanos lusófonos relacionam-se num “triângulo tipicamente colonial”. Entrevista cedida a Lusa. **Jornal Público**, 10 fev. 2018. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/02/10/culturaipilon/noticia/paises-africanos-lusofonos-relacionamse-num-triangulo-tipicamente-colonial-diz-mia-couto-1802715>. Acesso em: 22 abr. 2021.

COUTO; M. Entrevista Mia Couto. Entrevista cedida a Gil Felipe. **Revista Bula**, 08 dez. 2008. Disponível em: <https://acervo.revistabula.com/posts/entrevistas/entrevista-mia-couto>. Acesso em: 19 abr. 2021.

CLYNE, M. (ed.). **Pluricentric Languages**. Differing norms in different nations. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1992.

DUARTE, I. Português, língua pluricêntrica: Que português ensinar em aulas de língua estrangeira? In: ANDRADE, C.; MICHELETTI, G; SEARA, I. (org.). **Memória, Discurso e Tecnologia**. São Paulo: Terracota editora, 2016.

FRANCIS, N. Language and dialect in China. **Chinese Language and Discourse**, v. 7, n. 1, p. 136-149, 2016. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/cld.7.1.05fra>. Acesso em: 15 mar. 2021.

HERRERO, M. A. Etnocentrismo lingüístico vs. Plurinormativismo. Consideraciones sobre la variación y variedad del español LE/L2. In: MAESTU, E.; ANDREVA, F.; LÓPEZ, M. (eds.). **Panhispanismo y variedades en la enseñanza del español L2-LE**. ASELE: España, 2017, p. 131-140.

HERRERO, M. A. Del lectocentrismo al plurinormativismo. Reflexiones sobre la variedad del español como lengua segunda o extranjera. **Estudios Filológicos**, n. 64, p. 129-148, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7755412>. Acesso em: 10 jan. 2021.

HU, K. The Cantonese Linguicide: A Study of Prospective Language Death in Hong Kong. **International Journal of Culture and History**, v. 3, n. 2, p. 134-141, 2017. Disponível em: <http://www.ijch.net/vol3/090-LM0025.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2021.

JATOBÁ, J. R. **Política e Planejamento Linguístico na China: Promoção e Ensino da Língua Portuguesa**. 2020. Tese (Doutorado em Português Língua Estrangeira) – Faculdade de Artes e Humanidades, Universidade de Macau, China, 2020.

KURPASKA, M. The effects of language policy in China. **AJęzyk. Komunikacja. Informacja**. n. 12, p. 14-24, 2017. Disponível em: http://yadda.icm.edu.pl/yadda/element/bwmeta1.element.ojs-doi-10_14746_jki_2017_12_1. Acesso em: 10 jun. 2021.

MASUDA, K. **Ideología del estándar y realidad plurinormativa de la lengua española: el caso de ELE en Japón**. 2020. Tese (Doutorado em Filologia Hispânica) – Facultad de Filología y Comunicación, Universitat de Barcelona, España, 2020.

MINGAS, A. **Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda**. Luanda: Chá de Caxinde, 2007.

NGUNGA, A. Interferências de línguas moçambicanas em português falado em Moçambique. **Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane**, v. 1, n. 0, p. 7-20, 2012. Disponível em: <http://www.revistacientifica.uem.mz/revista/index.php/lcs/article/view/32>. Acesso em: 02 dez. 2020.

PIRES, M. J. Gaokao: fare more than an exam. **Revista Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 21, Especial, p. 168-185, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/27418/17545>. Acesso em: 17 out. 2020.

SILVA, A. S. **Pluricentricity: Language Variation and Sociocognitive Dimensions**. New York: De Gruyter, 2013.

SILVA, A. S. O português no mundo e a sua standardização: entre a realidade de uma língua pluricêntrica e o desejo de uma língua internacional. In: BARROSO, H. (coord.). **O Português na Casa do Mundo, Hoje**. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da universidade do Minho. 2018.

YAN, Q.; ALBUQUERQUE, F. **O Ensino do Português na China – Parâmetros e Perspetivas**. Natal: EDUFRN, 2019.

YE, Z. Algumas Considerações sobre a Expansão do Ensino da Língua Portuguesa na China. In: GROSSO, M. J.; GODINHO, A. P. (eds.). **O Português na China: Ensino e Investigação**. Lisboa: Lidel, 2014.

Como referenciar este artigo

PIRES, M. J. Português, língua acêntrica: Reflexões pela mão do ensino de PLE na China. **Rev. EntreLínguas**, Araraquara, v. 8, n. 00, e022045, jan./dez. 2022. e-ISSN: 2447-3529. DOI: <https://doi.org/10.29051/el.v8i00.15412>

Submetido em: 20/11/2021

Revisões requeridas em: 09/01/2022

Aprovado em: 23/02/2022

Publicado em: 30/03/2022